

LEITURAS SOBRE CONCEPTUALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E CORPOREIDADE NO DIALETO GOIANO

Leosmar Aparecido da SILVA
Universidade Federal de Goiás
leosmarsilva@hotmail.com

RESUMO:

Uma importante consideração da linguística cognitiva é a de que a gramática é uma conceptualização. Segundo esse princípio teórico, as estruturas gramaticais e as palavras disponíveis no léxico configuram-se como recursos que o falante utiliza para simbolizar suas experiências da vida cotidiana. Aquilo que as pessoas falam a respeito do mundo não representa o mundo em si, mas a visão que elas têm dele. Outra importante consideração das ciências cognitivas é a hipótese de que a mente corporificada (*embodied mind*), conforme defendem Lakoff e Johnson ([1980] 2002), Johnson (1987), Lakoff (1987), Casasanto (2011), Kövecses (1992, 2005, 2009) e outros. Segundo essa hipótese, todos os seres humanos têm estrutura corporal semelhante e realizam basicamente as mesmas atividades com seus corpos: movimentos, percepção etc, logo, algumas metáforas, que se constituem como conceptualizações sobre mundo, têm base corporal e integram tanto o léxico quanto a gramática. Considerando-se que o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída, esta comunicação tem o propósito evidenciar a importância do texto falado no que diz respeito, principalmente, à produção da leitura que o falante faz do mundo por meio de expressões linguísticas metafóricas, criadas a partir da relação desse falante com o seu corpo. Dados de fala do português goiano, dialeto do português brasileiro, contribuirão para se verificar as metáforas conceptuais que emergem desse dialeto e que se alinham às conceptualizações metafóricas corporais de falantes do restante do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Gramática; Metaforização; Conceptualização.

1 Considerações iniciais

Este trabalho é uma pequena parte da tese de doutorado intitulada *As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro*, defendida em 04/05/2012. Nele, será feita a análise de algumas metáforas conceptuais coletadas do *corpus* do Projeto *Fala Goiana*, coordenado pela Prof. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão, da Universidade Federal de Goiás.

Um forte princípio teórico da linguística cognitiva é que **a gramática das línguas é uma conceptualização**. Isso significa dizer que as estruturas gramaticais e as palavras disponíveis no léxico configuram-se como recursos que o falante utiliza para simbolizar suas experiências da vida cotidiana. Aquilo que as pessoas falam a respeito do mundo não representa o mundo em si, mas a visão que elas têm dele. Sendo uma visão de mundo, pode-se dizer que, em sentido macro, tem-se uma leitura desse mundo, que é mediada pela experiência cotidiana e pela cultura.

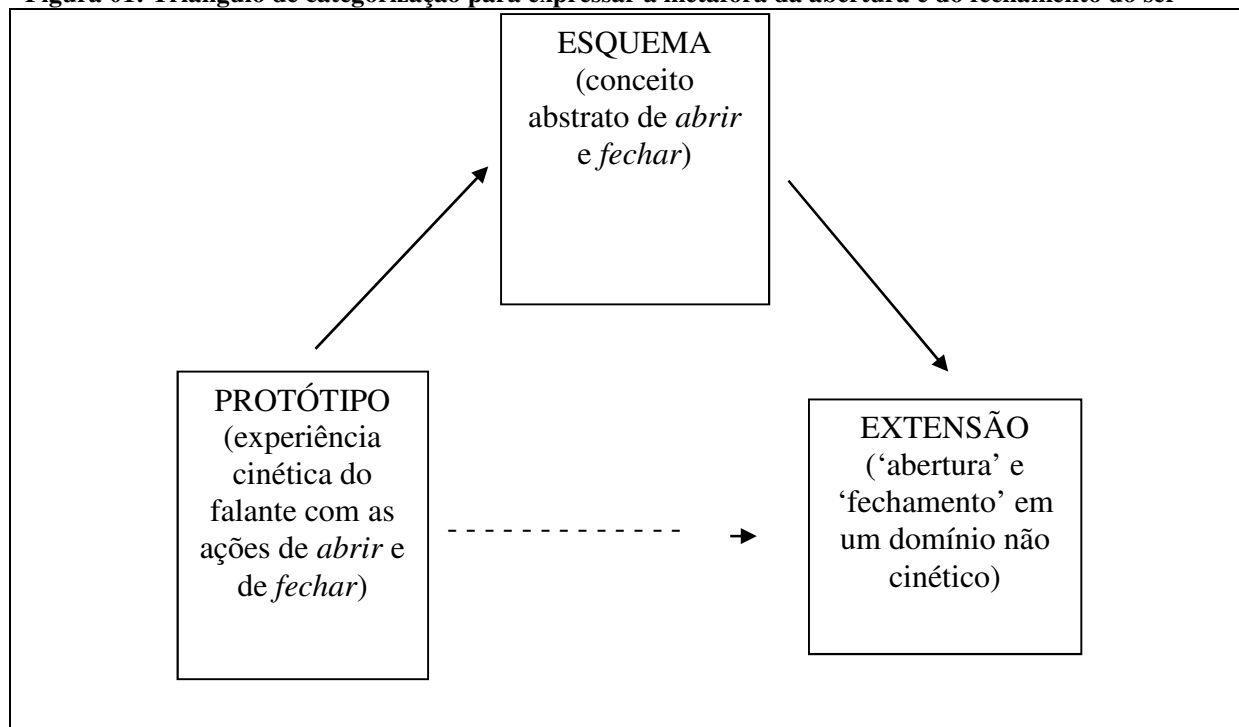
Este trabalho está embasado também em outra hipótese da linguística cognitiva: a de que **a mente é corporificada (*embodied mind*)**, conforme defendem Lakoff e Johnson ([1980] 2002), Johnson (1987), Lakoff (1987), Casasanto (2011), Kövecses (1992, 2005, 2009) e outros. Segundo essa hipótese, todos os seres humanos têm estrutura corporal semelhante e realizam basicamente as mesmas atividades com seus corpos: movimentos, percepção etc. Logo, algumas metáforas que emergem das diferentes culturas têm uma tendência de serem semelhantes nas diversas línguas. Para Kövecses (2009), o corpo fornece o material básico para haja certo universalismo de algumas metáforas e a cultura contribui para que haja variação entre elas. A análise está dividida em quatro partes. Cada uma delas faz referência a uma conceptualização corporificada do falante goiano. Seguem as quatro partes:

2 Pessoas são recipientes: trancam-se e abrem-se

O falante, em sua relação motora com o mundo físico, experiencia processos como entrar em diversos lugares e deles sair. Para isso, ele realiza ações como abrir e fechar: ele fecha e abre os olhos, a boca, a mão; ele abre portas, janelas e portões de uma casa para dar passagem a algo ou para ventilar o interior da residência; ele fecha portas, janelas e portões para proteger quem está dentro da casa e, ao mesmo tempo, impedir que perigos externos ameacem a tranquilidade do lar; ele abre e fecha cancelas que dão acesso a fazendas etc. Essas experiências contribuem para que esse falante construa o esquema imagético dessas ações. O esquema imagético é um tipo de sistema que está conectado ao mundo físico, por meio da percepção, e, ao mundo mental, por meio das estruturas de imaginação. Assim, as experiências sensíveis funcionam como *input* para que o falante apreenda abstratamente os conceitos de *abrir* e *fechar*. Depois de apreendidos e/ou esquematizados, os conceitos estarão aptos a serem transferidos, por extensão metafórica, para outros domínios.

Uma figura adaptada de Taylor (2002) foi utilizada como forma de representar a relação do usuário da língua com as noções de *abrir* e *fechar*. Tal figura revela o esquema imagético *contêiner*, proposto por Lakoff e Johnson (2002) e Croft e Cruse (2004), em que *abrir* e *fechar* estão relacionados por extensão metafórica. Segue a figura 01:

Figura 01: Triângulo de categorização para expressar a metáfora da abertura e do fechamento do ser



Fonte: adaptação de Taylor (2002)

Segundo Sрни Narayanan, citado por Porter (2010, p. 26),

as palavras, como experiências correntes, ao se repetirem, ativam diferentes regiões do cérebro, ativando circuitos neuronais que se conectam entre si. Essas conexões constituem metáforas primárias. O cérebro, desde que começa a funcionar, adquire esse tipo de metáforas primárias porque tal órgão é o resultado de uma conquista evolutiva de milhões de anos de adaptação ao meio. Segundo o autor, podemos pensar que, ao nascer, herdamos geneticamente uma dotação de metáforas, que são estruturantes de nosso pensamento.¹

Essa explicação pode ser aplicada em dados do *corpus*, em que foi comum a ocorrência de enunciados em que o usuário da língua ora conceptualiza a si mesmo e aos outros à sua volta como “pessoas abertas” e como “pessoas fechadas” como forma de dizer que eram, respectivamente, “comunicativas” e “introspectivas”. É o caso dos dados que aparecem a seguir, em que o colaborador descreve a si mesmo e a sua família como seres muito comunicativos ou pouco comunicativos:

(01) eu passei uma infância presa dentro da casa dos meus pais... depois eu vivi um tempo... de conhecimento com os meu colega tudo... brincando... isso e aquilo... pode saí... podia vim...

¹ Original espanhol: “las palabras, como experiencias concurrentes, al repetirse activan diferentes regiones Del cerebro, activando circuitos neuronales que se conectan entre si. Estas conexiones constituyen metáforas primarias [...]. El cerebro, desde que comienza a funcionar, adquire esse tipo de metáforas primárias. Si pensamos que el cerebro es resultado de una conquista evolutiva de millones de años de adaptación al medio, podemos pensar que al nacer heredamos genéticamente una dotación de metáforas, que son lãs que estructuran nuestros pensamientos.” (PORTER, 2010, p. 26).

num tinha perigo... aí eu conheci o A. ... assim... que eu casei::: ... veio o choque... **ele era totalmente fechado...** foi outra pessoa que eu conheci... então... acho que foi:::... minha vida é vivida de choque... (FG, FAS, F, 36, EF)²

(02) Doc.: mais você já tentou conversar com ela... com a segunda filha... pra saber o porquê de **ela ser tão fechada?**

Inf. já tentei... só porque **ela não fala...** ela parece um bichim do mato.. tanto que cê começa a querê conversá cum ela... ela já começa a chorá... aí como que cê vai conversá com uma pessoa que te olha de cara feia e começa a chorá... e o mais engraçado é que eu não sei por quem ela puxô porque eu converso que nem o home da cobra e o pai dela tamém... e a menina é uma coi: : sa... agora o terceiro não... ele conversa demais da conta tamém. (FG, FAS, F, 36, EF)

(03) Doc.: e você contava as coisas que aconteciam com você? Sobre seu primeiro namorado? Essas coisas... assim... **você se abria com ela?**

Inf. **me abria...** nesse tempo eu já conhecia a outra/era a D... hoje ela faleceu/ ela já é falecida... mais nesse tempo era com a D. () quel' é irmã da E... eu era muito amiga dela tamém nesse tempo... quando a gente começô a namorá... inclusive até meu primero beijo foi com um vizim dela chamado o Luís... uma gracinha de pessoa também e **tudo eu contava pra ela...** (FG, APS, F, 33, EF).

Os dados de (01), (02) e (03) permitem ampliar a metáfora do canal proposta por Reddy (1979) e desenvolvida por Lakoff e Johnson (2002). A defesa dessa ampliação se pauta no fato de que os SERES HUMANOS SÃO RECIPIENTES QUE GUARDAM PALAVRAS OU AS EXTERIORIZAM. Isso porque possuem uma dimensão interior, se tomado o mundo como ponto de referência em relação ao seu corpo; e uma dimensão exterior, se tomado o próprio ser humano como referência. Daí justifica-se a construção de sentenças como *sou uma pessoa aberta*, *sou uma pessoa fechada*, respectivamente, quando os indivíduos falam ou o deixam de fazê-lo. As palavras permitem ao falante que se categorizem “seres abertos” ou como “seres fechados” e, num sentido *lato*, como “recipientes”. Elas constituem o “canal” prototípico para acessar o “interior” do ser humano quando este é “aberto”. “Pessoas fechadas” não se revelam por inteiro porque não enunciam, não utilizam a palavra para mostrarem o que têm por dentro.

A ampliação da metáfora do canal está associada a uma noção espacial porque evoca o par *dentro e fora*, que, tendo o mundo ou o corpo humano como ponto de referência, constitui a base para a construção de metáforas orientacionais, descritas por Lakoff e Johnson (2002) ou para a formação do esquema imagético *contêiner* (CROFT; CRUSE, 2004).

Outro dado interessante é que a falante, ao descrever as características psicológicas de uma de suas filhas, em (04), a seguir, afirma que esta, não sendo dada a conversa, prefere

² As siglas que seguem o dado de fala dizem respeito respectivamente: ao projeto Fala Goiana, às iniciais do nome do falante, ao sexo do falante, à idade, ao grau de instrução (0: não escolarizado; EF: Ensino Fundamental; EM: Ensino Médio; ES: Ensino Superior).

fazer “caras e bocas”, ao contrário da irmã que é “aberta” com a mãe. A expressão “caras e bocas” tem base corporal e pode elucidar o sentido de que a menina prefere substituir as palavras por gestos que demonstram a sua decisão de não querer conversar.

(04) olha... a mais velha vai fazê dizoito anos agora... i nós duas é assim... a gente tem eh:: a nossa diferença de idade é poca né... como eu tive ela com treze/com catorze anos...ela tem/vai fazê dezoito e eu vou fazê trinta e treis... e ela: : ela é uma graça... como ela é engraçada... vire e mexe ela me chama de velha e coisa e tal... mais a gente conversa de tudo: : tudo-tudo e é abERTO porque eu acho que mãe e filha tem que sê aberta... porque quando acontecê alguma coisa... ela tá prontinha pra me falá... porque eu sou amiga dela... mais nunca foi assim não... já teve uns acontecimentos muito crítico... já a segunda não... **ela não conversa com ninguém... ela prefere fazê caras e bocas feia pros’oto...** (FG, FAS, F, 36, EF)

Já em (05), a metáfora de que SER HUMANO É RECIPIENTE fica mais evidente. O falante, interagindo com elementos “trancáveis” do mundo físico como casas, caixas, portões, cancelas, faz uso metafórico do verbo “trancar” ao se referir a si mesmo. Assim como os recipientes podem ser fechados, vedados, trancados para proteger o conteúdo que guardam, os seres humanos também podem fazê-lo:

(05) lá .. minha filha mora perto de casa também né... aí fico indo lá... e eu num... **num saio mais... me tranquei... num gosto mais de saí...** ãhm ãhm... humm.. o único lugar que eu saio é do serviço pra casa... (FG, RLMS, F, 40, EF)

Nesse uso, há uma coincidência do sentido literal e do sentido metafórico de “trancar-se”. O fato de o falante ficar literalmente “trancado em casa” é decorrência de sua decisão interior de “trancar-se”, “fechar-se” para o mundo.

3 Conversa é amizade. Conversa é conflito. Silêncio, inimizade

Conversar é uma atividade humana que está na base da organização da linguagem. É, portanto, objeto de estudo da linguística, em especial a linguística da enunciação. A conversa é social e colaborativa, porque envolve mais de um indivíduo. É dialógica por natureza, porque existe como resposta a diferentes discursos. Além disso, “está ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BAKHTIN, 1999, p. 14). Ela está na vida cotidiana e constitui-se como forma ou processo de interação, já que, por meio da fala, externalizam-se sentimentos e age-se sobre o outro. É também inseparável da situação.

O falante, como usuário da fala, tem a sua maneira de concebê-la e categorizá-la. Na maior parte dos dados, a conversa, a interação face-a-face entre falante e ouvinte foi

categorizada como uma forma de **manter uma relação de amizade** entre os participantes da conversação. Assim, a metáfora inferida dos dados é CONVERSA É AMIZADE, tal como se verifica a seguir:

(06) Doc.: então...pelo menos a família dele te apoiava e sabia e reconhecia os erros dele.

Inf.: Isso: : **ai sempre a gente teve contato...** sempre ela [a sogra] vinha... **procurava a gente... conversava né...** (FG, APS, F, 33, EF).

(07) o professor que eu mais gostava era a Jô... que era professora de português... que **me ajudava muito tanto na vida pessoal... eu dividia as coisas com ela...** era a pessoa que **eu tinha mais confiança de dividir...** (FG, CE, M, 20, EM)

Como, na conversa, existe participação de mais de uma pessoa, o produto da conversa – a fala – necessariamente é partilhada, conforme se verifica em (06) e (07). Metaforicamente, é algo que pode ser “dividido” com alguém. O falante usa o verbo *dividir* para mostrar que a conversa com uma pessoa de confiança é uma forma de manter com ela um vínculo de amizade. Além disso, ao conversar com alguém, o conteúdo da conversa não é somente de quem fala, mas também de quem ouve.

Na sequência da narrativa do falante de (07), ele enuncia o que está descrito em (08), a seguir, em que se vê implícita a ideia de que uma das formas de se ter “comunhão com os pais” é por meio da conversa amigável:

(08) é isso que devemos **buscar... mais comunhão com nossos pais... com nossos familiares...** porque às vezes **contamos** alguma coisa pro amigo que ele pode **contar** pros outros... então eu (...) /dar confiança pros meus amigo/... confiança pros meus pais. (FG, CE, M, 20, EM).

Em (08), verificam-se duas características da “conversa”: 1) alguns tipos de conversa devem manter-se em segredo; 2) alguns amigos podem não ser confiáveis o bastante porque “contam pros outros” aquilo que era conversa particular de outrem.

A segunda característica conduz a uma outra conceptualização: a de que CONVERSA É CONFLITO. Essa metáfora vai ao encontro da consideração bakhtiniana de que a palavra é a arena onde se confrontam aos valores contraditórios (BAKHTIN, 1999).

Além disso, a consideração da existência desse sentido figurado na fala goiana está alinhada semanticamente à metáfora identificada por Lakoff e Johnson (2002, p. 19), de que DISCUSSÃO É GUERRA. Os autores mostram a existência dessa metáfora em enunciados como: *suas afirmações são indefensáveis, suas críticas foram direto ao alvo, eu nunca o venço numa discussão.*

Uma observação que pode ser feita sobre a conceptualização de que conversa/fala/palavra é conflito refere-se à corporificação presente na relação fala/conflito. O dado a seguir ajudará a percebê-la melhor:

(09) Doc.: e como que foi a reação dele quando ele soube que você tinha levado ele na justiça?

Inf.: Olha... ele ficô parado me olhano... aí eu já aproveitei e já falei um mon: : te de coisa pra ele... que já tava engasgada tinha tempo... aí... nesse dia ele me tratô normal mais o... d'la qui ele veio trazê o dinheiro pra mim aqui em casa... acho que si ele pudesse me dá um tiro ele me dava... poque ele jogô o dinheiro em cima da máquina que ele não quis nem pega /nem passá pra minha mão i ainda falô que era pra mim dá entrada.../abri conta no banco que ele num queria nem vê a minha cara... eu falei... gente só por causa duma pensão ein... (FG, APS, F, 33, EF).

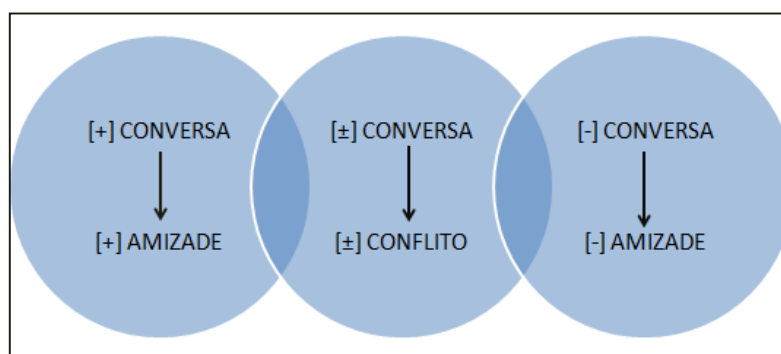
Há, no dado, uma mescla entre o campo semântico de palavra e o de coisas comestíveis. Assim como alguns alimentos podem travar a garganta de uma pessoa, engasgando-a, as palavras não ditas também podem engasgá-la. Calar-se quando se está com raiva é travar a garganta. Isso implica o seu contrário: falar é desengasgar. Isso porque existe a concepção de que a fala é libertária. É pela fala que a cognição e o inconsciente se mostram. Não é por acaso que as seções psicoterapeutas se realizam principalmente por meio da fala.

A metáfora CONVERSA É CONFLITO ocorre de maneira mais refinada, quando o falante conceptualiza a não conversa, ou seja, o silêncio como uma forma de inimizade. Assim, é possível inferir a metáfora SILÊNCIO É INIMIZADE em (10):

(10) como ele [o marido] tem essa outra mulhé e como ele dexô de pagá a pensão... e eu peguei e levei ele na justiça... e ele teve que virá um dinheiro rapidim... aí eu já deixei de sê a nora dela... aí ela já tá assim... tem mais de um mês ou mais que a gente não se fala... mais também não faz falta não... (FG, APS, F, 33, EF)

Essas três formas de ver a conversação cotidiana revelam uma macroconceptualização disposta num *continuum*. Nesse *continuum*, é possível atribuir o valor [+] para CONVERSA É AMIZADE, [±] para CONVERSA É CONFLITO e [-] para SILÊNCIO É INIMIZADE, tal como se vê na figura 02:

Figura 02: Relações entre conversa e amizade



Quanto mais conversa [+] tanto mais amizade, conforme se verifica no primeiro círculo. Na interação, contudo, a conversa pode ser conflituosa, deixando de ser uma conversa prototípica para ganhar o caráter de uma discussão. É por isso que, no segundo círculo, prevalece o traço [±]. Por fim, quando o conflito é extremo, culturalmente, em Goiás e também no Brasil, as pessoas deixam de conversar entre si, marcando a existência da inimizade. Isso explica o traço [-] no terceiro círculo.

Um ato de linguagem não é apenas um ato de dizer e de querer dizer, mas um *ato social* por meio do qual falante e ouvinte atuam um sobre outro. A coprodução discursiva é, então, uma atividade cooperativa (NEVES, 1997), no sentido de que ela precisa de mais de um participante para ser efetivada. Dada essa característica natural da língua(gem), não é novidade que o falante conceptualize a fala, a conversação face-a-face como um ato estabelecedor de vínculos de amizade. É também por meio desse ato discursivo e dialógico, materializado na fala, que surgem os conflitos porque, ainda conforme Bakhtin (1999), a palavra, como representação, é ideológica e, em consequência disso, é também dialética.

4 O rosto é a pessoa

Um caso especial, que, *a priori*, não constitui uma metáfora, mas uma metonímia do tipo *parte pelo todo* é aquele em que o falante substitui o todo, ou seja, a pessoa, pela parte, o rosto. Lakoff e Johnson (2002, p. 93) fazem referência a esse tipo de metonímia. Segundo os autores (*op. cit.*, p. 94), se uma pessoa pede à outra para que ela lhe mostre o filho dela e a mãe mostra uma fotografia do rosto do filho, a pessoa ficará satisfeita. Se, porém, for mostrado o corpo sem o rosto, a pessoa achará isso estranho e não ficará satisfeita. Segundo os autores, na cultura ocidental, mais do que a postura e os movimentos, o rosto de uma pessoa carrega a informação básica de como a pessoa é. “Nós percebemos o mundo em termos de uma metonímia, quando identificamos uma pessoa pelo rosto e agimos de acordo com essa percepção.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 94).

Uma possível explicação para o uso dessa metonímia seria a seguinte: os seres humanos são caracterizados por terem o corpo ereto. No rosto, estão os olhos, órgãos que mais facilmente, percebem outros rostos. Como é comum as pessoas se olharem, a parte do corpo que obviamente ganhará proeminência e será focalizada é o rosto. Além disso, é no rosto que se concentram os principais órgãos do sentido que contribuem para a interação verbal e para a percepção do mundo: a boca (e junto a ela a fala e o paladar), as orelhas (e junto a elas a audição), o nariz (e junto a ele o olfato) e, por fim, os olhos (e junto a eles a

percepção visual). Nesse sentido, o rosto é concebido como a identidade do ser (LE BRETON, 2011).

A noção de *gestalt* subjaz à metonímia do rosto como a própria pessoa. A *gestalt* é o processo pelo qual o conceptualizador dá maior relevância para determinados aspectos do que a outros. O rosto é, pois, a parte do corpo sobre a qual se lança luz, tornando-se o plano de frente (*foreground*) no processo de categorização. Outras partes, por sua vez, funciona como plano de fundo (*background*) do mesmo processo de categorização.

O dado a seguir mostra como a falante conceptualiza o rosto em termos de corpo inteiro. Nele, a falante afirma que tanto ela quanto a filha ficaram três anos sem ver o ex-marido e pai de K.:

(11) Inf.: eu falei assim... não... nós num vamos brigar por causa dela lá em Goiânia... ela vai embora comigo sim... eu trouxe ela... ela vai embora comigo... aí depois ela ficô o que... três anos... **três anos sem ver a cara (um do outro)**... aí um dia... a cunhada...aí eles mudaram pra Tocantins pra Palmas... aí a irmã dele veio pra Goiânia né... fazer alguns exames... sei lá... aí passô lá em casa... e ela tava de carro... ela perguntô assim... minha mãe tá com saudade da K. ... cê num que ir pra Palmas comigo passear não... eu falei assim... uai vô... **eu tinha três anos que num via a cara do homem e o HOME** tava lá... o pai dela... aí chega lá... volta de novo... aí em Palmas... em Palmas eu fiquei oito meses... (FG, RLMS, F, 40, EF)

Importante ressaltar que, mesmo na metonímia, a metáfora persiste. Em (12), a seguir, o falante usa a expressão *levar na cara*, cujo sentido é *dar-se mal* e, acoplada a essa significação, está a informação de que “as situações ruins contribuem para a pessoa aprender com elas”:

(12) Inf.: a J. ... a J. é rebelde... a L. não... a L. ::... teve a fase dela... mas logo ela foi embora também né... passô... mais aí ela deu::... ela pôs ele bem assim... dividido sabe... porque **a gente só leva na cara quando gente vai pra fora né... a gente aprende...** a gente conhece a vida... (FG, RLMS, F, 40, EF)

O rosto foi a parte do corpo escolhida para juntar-se a outros elementos linguísticos para que, juntos, conceptualizem metaforicamente situações difíceis.

Considerando-se os construtos teóricos cognitivistas, a expressão *levar na cara* (assim como *levar/tomar na cabeça etc*) tenha surgido das experiências vividas pelo usuário da língua em situações de briga. Nessas situações, utilizando-se da força física, um indivíduo atua sobre o outro, machucando-lhe o corpo. Como o rosto é concebido como a parte que mais representa a pessoa como um todo, numa briga, ele é o alvo principal do agressor. Adotando a mesma concepção, a vítima tenta proteger a face para que não seja atingida.

Culturalmente, atingir o rosto da pessoa é muito mais brutal que atingir-lhe o braço ou a perna.

A vivência, como participante ou como observador, de casos particulares de agressão permite ao falante conceber qualquer “situação difícil” como *levar/tomar na cara*. A expressão tem certo grau de idiomatismo, visto que é o conjunto da construção que revela determinado sentido e não as partes que a compõem.

A construção *levar na cara*, num contexto em que “sair de casa e ir para o mundo é levar na cara”, evoca o espaço mental³ da negatividade, visto que *levar na cara* é “dar-se mal”. Só que a construção evoca um espaço mental em que “saída de casa” é entendida positivamente, uma vez que o falante categoriza o mundo como uma escola. Isso significa que as situações difíceis enfrentadas no mundo ajudam as pessoas a aprenderem com tais situações. O dado a seguir mostra isso:

(13) **o mundo lá fora ensina muita coisa...** aí ela pegô e falô pra ele... falo pra ele assim... que... com ruim ou bom... é melhor a casa da gente... então... deixou ele assim... engrandecido né... aí tá vendo... a L. arrependeu... de ter ido embora... tava aqui... tá bom... do bom do melhor... então... aí eu falei assim... **melhor escola é a escola do mundo** ou... você tem que atravessá ela muito... pra você conhecer a vida... dá valor... eu já passei por isso... né... aprendi muita coisa lá no mundo lá fora... (FG, RLMS, F, 40, EF)

5 Cabeça é recipiente, corpo é recipiente

Enunciados como *sua cabeça está **recheada** de ideias interessantes* ou *será que vou conseguir **enfiar** essas estatísticas em sua cabeça* licenciaram Lakoff e Johnson (2002, p. 17) inferirem a existência da metáfora MENTE É RECIPIENTE.

Nos dados do projeto *Fala Goiana*, foram encontrados diversos enunciados da metáfora CABEÇA É RECIPIENTE. O exemplo (14) é um deles:

(14) ela [a sogra] me ajudava muito ela... me ajudava financeiramente... com remédio... passeava comigo... isso e aquilo... aí um dia vi ela comentando com uma pessoa... e essa pessoa falou assim:... num sei que essa pessoa falou sei que ela falou assim... “ó... eu não gosto que ninguém puxa meu saco...” **aí eu pus na minha cabeça...** falei assim se ela tá pensando que tô puxando o saco dela... eu não tô... (FG, APS, F, 33, EF)

Em (14), *cabeça* é compreendida como um recipiente onde se colocam e de onde se extraem ideias, pensamentos. A escolha pela palavra *cabeça*, parte do corpo, em detrimento da palavra *mente* se deve, provavelmente, ao fato de que a cabeça, por ser externa ao corpo, é

³ Domínios dinâmicos estruturados internamente por domínios estáveis e que suscitam aspectos do conhecimento partilhado.

visível e, por isso, está mais diretamente ligada às experiências do falante. O cérebro é o órgão físico que fica dentro da cabeça e onde a mente atua. Já a mente pode ser entendida como o sistema decorrente das atividades cerebrais. Sendo cérebro e mente distantes das experiências dos falantes, não encontraram lugar na enunciação do colaborador.

Outra prova de que a metáfora corporificada se confirma são os dados observáveis em (15) a seguir:

(15) **vem de novo dentro da minha cabeça...** a S. né... às vezes... eu penso assim... será que as pessoas estão pensando que eu queria... tá no lugar da D... não... eu só queria aprendê uma coisa... pra mim... sair de lá com outro nome... [...] **eu ponho na cabeça que você tá pensando trem de mim...** eu vô lá e peço demissão... (FG, APS, F, 33, EF)

A expressão “lavagem cerebral” é muito comum no Português Brasileiro. Ao enunciá-la, em (16), a seguir, o falante quer dizer que “alguém tentou insistentemente persuadir alguém”. A mãe, não gostando do namorado da filha, usa de todas as maneiras para persuadi-la de desistir do rapaz:

(16) olha... eu não sei te explicá se é exatamente ciúmes mais não é muito bão não... que uma coisa é você falá: : ... qua: : ndo a minha filha crescê eu vou ser liberal... vou deixá fazê isso... vou dexá fazê aquilo... mais a hora que tÁ... na hora mes: : mo... é ruim né a pessoa fica na sua casa... fica lá naquela encebção... mais a sua filha não é muito bão não... mais assim... eu converso muito com ela... ah ela teve um namorado esses tempo atrás que eu fiz de tudo... ela até fala que **eu fiz lavagem cerebral na cabeça dela** porque eu fiz ela terminá com o menino... mais tamém... ele não gostava de trabalhá nem nada... isso eu não quero pra minha filha de jeito nenhum... né... (FG, APS, F, 33, EF)

Para a linguística textual, segundo Neves (2006, p. 100), “cada expressão referencial é uma categorização, isto é, uma colocação do referente em determinada categoria cognitiva estabelecida”. Essa categorização é chamada por Francis (1994 *apud* NEVES, 2006) de rotulação, que consiste na sumarização de todo um trecho anterior ou posterior do texto, por meio de uma forma nominal. Essa forma nominal não é simplesmente uma recuperação do referente, já que o conceito que o falante quer atribuir ao estado de coisas referido está sendo criado naquele instante. Além disso, é um sintagma carregado de subjetividade. O rótulo “lavagem cerebral na cabeça” (sic) corresponde à sequência “eu fiz de tudo...”, “eu fiz ela terminá com o menino”. É a maneira que o falante encontrou para categorizar aquilo que disse anteriormente e que continuou dizendo após o uso do rótulo *lavagem cerebral*, que apresenta três características básicas: 1) é metaforizado; 2) tem indícios de semi-idiomatismo, devido à vinculação dos elementos linguísticos; 3) tem base corporal, que se ajusta à metáfora descrita nesta seção: MENTE É RECIPIENTE. Esse ajustamento pode encontrar explicação no fato de

que, em geral, os recipientes podem ser lavados. Sendo o cérebro/mente recipiente/s, logo, ele/a também pode/m ser lavado/s.

O processo de construção da metáfora da cabeça não se encerra com essas considerações. Na experiência cotidiana, as pessoas enfrentam problemas de diversas ordens. Em vista disso, no Português Brasileiro, esses problemas podem ser categorizados como “dor de cabeça”. Na verdade, a “dor” é uma forma de conceptualizar “preocupação”. É claro que qualquer incômodo, pessoa ou situação também podem ser objetos de preocupação. Essa rede de significados explica a construção da metáfora da “dor de cabeça”, que é também rotinizada e tem características de construção idiomática. No dado a seguir, a depoente justifica que não processará o ex-marido para que dê a pensão do filho para não ter problemas (“dor de cabeça”) com o próprio filho:

(17) depois eu fico pensano... num vô mexê com isso não... porque **vai dá mais dor de cabeça ainda**: : aí sim vai fica fei... porque ele não tem esse dinheiro pra pagá... isso aí eu sei... aí ele vai preso e eu acho que ele preso o F. vê... ou fica sabeno aí ele fica cum raiva de mim... (FG, APS, F, 33, EF)

Uma metáfora que está na base da cultura brasileira e talvez de várias outras culturas é a representação da cabeça como portadora de juízo e de responsabilidade. Dentre tantas outras partes do corpo, é a cabeça a escolhida para representar juízo. Além da consideração de que a cabeça é recipiente de ideias, existe a conceptualização de que a cabeça é a parte do corpo que guia todo o restante. Nesse sentido, as atitudes consideradas “corretas” social e culturalmente são sinais do bom funcionamento da cabeça/cérebro/mente.

As experiências vivenciadas pela mãe que aconselha a filha a terminar com o namorado, em sua interação com o mundo e com outras pessoas, segundo ela mesma, tornaram-na mais ajuizada, mais “cabeça”:

(18) Ah: : mais eu fiço de tudo pra ela terminá com esse menino...cê não vai fazê o que eu fiço de jeito nenhum... então **eu tô uma pessoa mais cabeça**... espErta né... sempre tem um mais esperto do que a gente... mais já tá mais ligada... né... e outra... a gente não pode escolhê demais... porque quem escolhe demais acaba seno escolhido... até isso serviu de lição também. (FG, APS, F, 33, EF).

Segundo Aikhenvald (2000), ‘cabeça’ e ‘olhos’ são as partes do corpo mais frequentemente usadas como classificadores⁴ nas línguas indígenas. Essa consideração relacionada aos dados do português goiano revela que “a cabeça” tanto assume funções

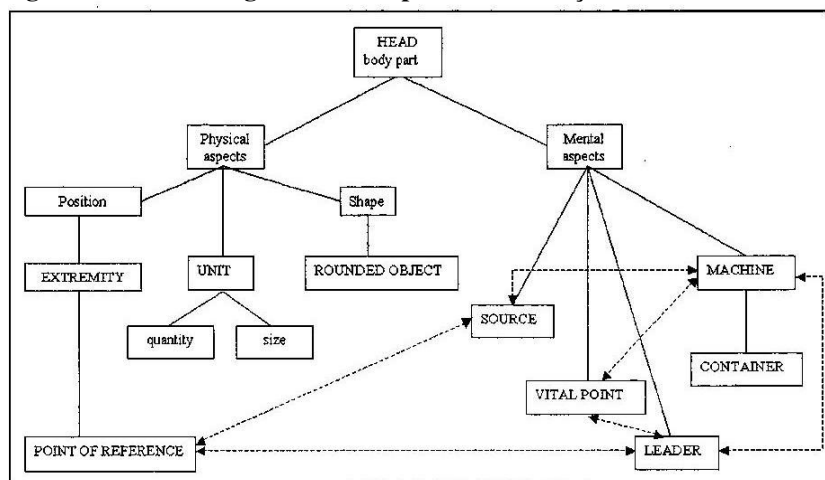
⁴ Classificadores são morfemas que, nas línguas, cumprem a função de classificar, por exemplo, nomes quanto à forma, tamanho, textura etc.

gramaticais (como classificador) quanto pode ser categorizada por meio de elementos lexicais em conceptualizações metafóricas tal como os dados têm mostrado.

Lima (1995), *apud* Farias e Lima (2010), analisou expressões metafóricas convencionais com o nome “cabeça” no inglês e no português com o objetivo de identificar a representação dessa parte do corpo no sistema conceptual das duas comunidades linguísticas. A autora identificou nove metáforas conceptuais baseadas nas experiências do falante com suas cabeças, com a cabeça dos animais e da cabeça com o restante do corpo: 1) A CABEÇA É UMA UNIDADE (*eu comprei 50 cabeças de gado*); 2) A CABEÇA É UM OBJETO REDONDO (*cabeça do fêmur, cabeça do abismo, cabeça do golfo, cabeça de alface etc*); 3) A CABEÇA É UMA EXTREMIDADE (*cabeça da página, cabeça do livro, cabeça da montanha, cabeça da lista*); 4) A CABEÇA É UMA FONTE (*eu vou para a cabeça do assunto, cabeça do sermão*); 5) A CABEÇA É UM PONTO DE REFERÊNCIA (*ela estava vestida de preto da cabeça aos pés, ele examinou o cavalo da cabeça aos pés*); 6) A CABEÇA É UM LÍDER (*o cabeça da escola; o cabeça da rebelião, o cabeça do departamento, o cabeça da Igreja Católica Romana*); 7) A CABEÇA É UM PONTO VITAL (*se seu plano der errado, ele recairá sobre sua própria cabeça*); 8) A CABEÇA É UM CONTÊINER (*quem colocou essa ideia na sua cabeça?*); 9) A CABEÇA É UMA MÁQUINA (*eu pedi meu irmão para me ajudar na resolução do problema porque duas cabeças são melhores que uma*).

Farias e Lima (2010, p. 476) representaram a rede de significados do nome CABEÇA em uma figura que está reproduzida na figura 03, a seguir. A rede é a mesma tanto para o inglês quanto para o português, embora alguns de seus nós possam ser mais produtivos em uma língua do que em outra.

Figura 03: Rede de significados da palavra CABEÇA



Fonte: Farias e Lima (2010)

No esquema proposto por Farias e Lima (2010), cabeça, como parte do corpo, possui aspectos físicos e mentais. Os aspectos físicos que contribuem para a extensão de sentido são a posição da cabeça, o fato de ser uma unidade e a sua forma. Os aspectos mentais que contribuem para a extensão metafórica é a conceptualização de cabeça como fonte, máquina, ponto vital, contêiner, líder.

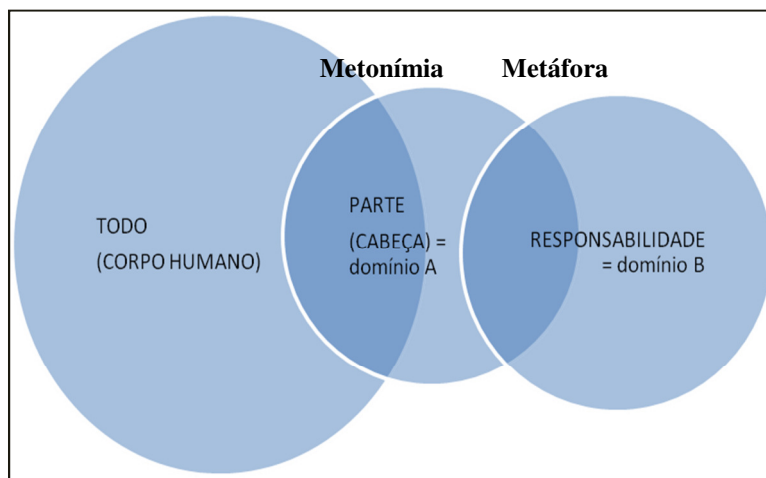
Nesta investigação, manteve-se, para todos os usos de cabeça, a metáfora de Lakoff e Johnson (2002) de que MENTE/CABEÇA É RECIPIENTE/CONTÊINER e, a partir dela, verificou-se que elementos podem ser colocados dentro desse recipiente.

A categorização de cabeça como recipiente licencia a construção de diferentes tipos de relações. Só que a cabeça é parte de um todo. Nesse sentido, é possível vislumbrar, em alguns dados, a existência de uma metonímia que gera diversos tipos de metáforas. A integração entre metáfora e metonímia, como já foi dito, não é algo impossível, dado que o limite entre o conceito de ambas é bastante tênue. Lakoff e Johnson (2002, p. 93) dizem que

a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico, nem somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia. (grifo dos autores)

Segundo Gonçalves et. al. (2007), assim como a metáfora é vista como uma categoria cognitiva de extensão de significados, a metonímia também o é. A maneira de operar de cada uma dessas categorias é que as torna diferentes: a metáfora opera por analogia e a metonímia por contiguidade. “Enquanto a metáfora resolve o problema da representação, a metonímia é associada com a resolução de problemas de informatividade e relevância na comunicação.” (GONÇALVES et. al., 2007, p. 48). Metáfora e metonímia são usadas em situações em que uma entidade é entendida com referência a outra.

Como os dados do *Fala Goiana* forneceram construções do tipo “sou uma pessoa mais cabeça”, é possível verificar dois tipos de relação: uma em que um domínio A (cabeça como parte do corpo) é entendida em termos de um domínio B (responsabilidade), havendo uma mesclagem (*blending*) conceptual; outra em que a cabeça é parte constitutiva do corpo humano. A primeira relação evoca a existência de uma metáfora. A segunda a de uma metonímia. Desse modo, num mesmo enunciado, metáfora e metonímia se justapõem para servir às necessidades comunicativas do falante naquela situação específica. O *overlapping* da metáfora e da metonímia pode ser assim representado:

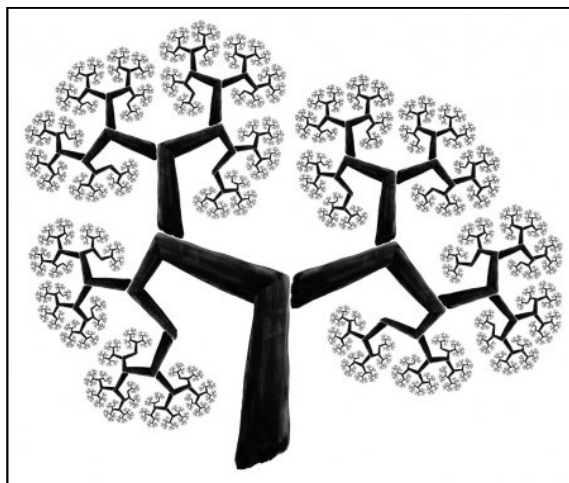
Figura 04: *Overlapping* da metáfora e da metonímia

A figura 04 mostra que a intersecção entre o todo (corpo humano) e a parte (cabeça) constitui uma metonímia. Já a intersecção entre o domínio fonte (cabeça), chamado na figura de domínio A, e o domínio alvo (responsabilidade), chamado na figura de domínio B, constitui uma metáfora. Sobre a sobreposição desses dois processos cognitivos, Menezes (2010, p. 12-13), explica:

considero importante estudar o processamento metonímico como parte integrante do processamento metafórico, dentro da rede complexa de processamento de sentido, processamento esse não necessariamente linear, mas simultâneo. Em todo processamento metafórico, temos encaixado um processamento metonímico, pois quando domínios conceituais são integrados, não há, necessariamente, uma integração entre todos os elementos dos domínios fonte e alvo, mas sim de elementos mapeados dentro de cada domínio. Assim, teríamos, via recursão, uma série de mapeamentos metonímicos de cuja interação emerge a metáfora. Vejamos um exemplo. Quando o romancista José de Alencar nomeou um de seus romances como “A pata da gazela”, ele, na verdade, atualizou um processamento ao mesmo tempo metonímico e metafórico. A pata da gazela funciona como metáfora dos pés delicados de uma mulher e por projeção metonímica de uma mulher delicada. Ao mesmo tempo, que pata (pé) remete a uma parte do corpo de um animal elegante, da gazela, ela também remete aos pés, parte do corpo da donzela.

Menezes (2010) trabalha com a noção de **compactação fractal**, que consiste na intersemelhança entre o todo e a parte. Uma cabeça de brócolis ou de couve-flor assemelha-se às pequenas ramificações que, juntas, compõem o todo. Da mesma forma, uma árvore assemelha-se aos ramos que a compõem. A figura 05, a seguir, mostra isso: o todo da árvore é igualmente semelhante às partes de seus ramos:

Figura 05: Compactação fractal



Fonte: Disponível em: <<http://www.google.com.br/imgagens/compactaçaofractal>> Acesso: 17 nov. 2011.

Segundo Menezes (2010, p. 13),

o termo fractal, cunhado pelo matemático Mandelbrot (1982), vem do adjetivo *fractus*, do verbo *frangere* que significa quebrar, fraturar e é usado para designar dimensões não inteiras. Mandelbrot ao estudar o litoral, descobriu que seu formato exibe um determinado padrão independente da escala, ou seja, visto de perto ou de longe esses padrões são auto-semelhantes.[...] O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao processamento cognitivo e à materialidade textual, pois existem possibilidades infinitas de processamento de sentidos de forma autosemelhante em pequenas e grandes escalas. Para produzir sentido, utilizamos diariamente uma proliferação de cenas que são recursivamente ativadas, integradas, fundidas, e compactadas de forma fractal, ou seja, auto-semelhante. Da mesma forma esse processamento é atualizado textualmente, em palavras, diálogos, textos/gêneros de forma recursivamente autosemelhante. Reversamente, ao interpretarmos esses textos, também operamos de forma autosimilar com ativações e descompressão de cenas.

Essas explicações comprovam que a sobreposição da metáfora e metonímia é uma realidade na língua. Fractalmente, a metonímia com a indicação das partes atua na composição do todo de um domínio, que, na produção de uma sequência narrativa, é projetado para outro domínio.

Uma última observação em relação à cabeça, empregada metaforicamente, pode ser verificada em (19):

(19) Inf.: olha... no começo... assim... quando a mais velha cumeçó/fez doze treze anos né... e deu mui::to trabalho... porque é difícil você tá numa casa só você... já chegó entra/já chegou a C. querê namorá e o rapaiz acha que aqui em casa não tinha home e acha que podia fazê o que quisesse... que ia acontecê de chegá aqui e tê relação aqui em casa... eu falei gen::te... aí tá... né... no primero dia que eles cumeçô a namora né... como ele chegô eu conversei com ele... e ainda ele me viu brincano porque eu sou uma pessoa que gosta de conversá... gosto de brincá

muito... **mesmo que eu tô cheia de problema... deveno até o cabelo da cabeça...** sempre eu tô brincano... aí... esse menino chegô aqui achando que ia sê bom... aí teve um dia que eu conversei com ele... eh: : (FG, APS, F, 33, EF).

No dialeto goiano, o falante usa construções do tipo DEVER + ATÉ INCLUSIVO (cf. SILVA, 2005)⁵ + PARTE DO CORPO QUE POSSUA PELO, em que o verbo *dever* tem o sentido de “possuir dívida”. Em (19), para expressar que contraiu dívida em excesso, o falante diz que “deve até o cabelo da cabeça”. O conjunto “até + parte do corpo que possua pelo” tem a função de intensificador do estado descrito pelo verbo. As variações da construção podem ser: “dever até o cabelo das pernas”, “dever até o cabelo do saco” e outras, confirmadas em *corpus* não sistematizado.

Considerações finais

O desenvolvimento da linguagem, segundo Tomasello (1999) e Mithen (2006), se deu, principalmente, devido à necessidade de aperfeiçoamento do gesto e dos sons emitidos pelos ancestrais humanos em atividades colaborativas como a coleta e a caça. Além disso, o desenvolvimento da mente, caracterizado pelas múltiplas inteligências especializadas, pelo fluxo de conhecimento e pela interação entre domínios cognitivos, associados ao *input* de elementos da experiência cotidiana externa como o corpo, são fatores facilitadores para o surgimento da linguagem figurada, fundamental para a compreensão leitora. Para Deane (1992), por exemplo, a ligação entre parte e todo, centro e periferia forma um sistema integrado essencial para a conceptualização de arranjos no espaço físico. Para ele, se duas entidades são mutuamente ligadas, elas formam uma configuração estável que move como uma unidade. Em outras palavras, elas formam um todo. Esse raciocínio permite que o seguinte axioma seja elaborado: se A está ligado a B e B está ligado a A, então, há um todo, C, do qual A e B são parte. Da mesma forma, se A está ligado a B e B é parte de C, então A está ligado a C, valendo também a relação inversa.

Esses axiomas são a comprovação de que os significados na língua não são atômicos, mas estão inter-relacionados. A entidade de um domínio é projetada para outro domínio, normalmente mais abstrato, que é projetado para outro domínio e outro e outro até que a extrema abstração faça parecer que não haja relação motivada entre a forma-fonte e a forma alvo. É a compactação fractal. É a fluidez linguística.

⁵ Silva (2005), ao analisar os usos do *até* na fala goiana e o processo de gramaticalização que esse elemento linguístico desenvolveu, identificou sete usos desse item, dentre eles, o *até* inclusivo, verificável em sequências como: *convidei várias pessoas para a festa de casamento, até o presidente da república.*

Enfim, as metáforas CABEÇA, CORPO E PESSOA SÃO RECIPIENTES; CONVERSA É AMIZADE E CONFLITO; SILÊNCIO É INIMIZADE; ROSTO É A PESSOA; MUNDO/ VIDA É ESCOLA contribuem para o conhecimento da cultura e da sociedade goiana, já que o modo de pensar dessa sociedade reflete o seu universo cultural. Apesar de a perspectiva cognitivo-funcional, em geral, e o realismo corporificado, em específico, adotarem a concepção de que existem universais conceptuais, segundo Martelotta (2008), esses universais apenas motivam os conceitos humanos, não tendo a capacidade de prevê-los de modo determinante; os universais concretizam-se em situações reais de interação social, portanto, é natural que sejam influenciados por fatores socioculturais.

Referências

- AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N). *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CASASANTO, D. Different Bodies, Different Minds: the body-specificity of language and thought. In.: *Current Directions in Psychological Science*. DOI:10.1177/0963721411422058, 2011.
- CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. [Cambridge Textbooks in Linguistics]. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DEANE, P. D. *Grammar in mind and brain: explorations in cognitive syntax*. Col. Cognitive Linguistics Research. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1992.
- FARIAS, E. M. P.; LIMA, P. L. C. Metaphor and foreign language teaching. In.: *Delta* (Revista de Documentação de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada). Vol. 26, n. esp. 2010. p. 453-478.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. USA: Basic Book, a member of the Perseus Book Group, New York, 2002.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização: homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily bases of meaning, imagination, and reason*. The University of Chicago Press, London, 1987.
- KÖVECSES, Z. Metaphor, language, and culture. In.: *D.E.L.T.A.* (Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada): Metaphor and cognition. n. esp. Vol. 1, 1/2. São Paulo: EDUC, 1992.
- _____. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. Universalidade versus não universalidade metafórica. Trad. Maitê Gil e Tamara Melo. In.: *Cadernos de tradução*. n. 25. Jul./dez. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2009. p. 257-277.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. [coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. [Primeira publicação: 1980]

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LIMA, P. L. C. Usando a cabeça: um estudo da representação do substantivo “cabeça” no sistema conceitual das línguas inglesa e portuguesa, através de expressões metafóricas convencionais. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará. (M. A. thesis), 1995.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MENEZES, V. L. Metonímias e compactação fractal em narrativas multimodais. In.: *Veredas on line – atemática*. 1/2010. p. 07-19. PPG em Linguística/ UFJF – Juiz de Fora.

MITHEN, S. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. Trad. Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. Rev. Tec. Max Blum Ratis e Silva. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *The singing neanderthals: the origins of music, language, mind, and body*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTER, L. La palabra corporizada. In: *Pro-posições*, Campinas, v. 21, p. 19-36, mai/ago. 2010.

REDDY, M. The Conduit Metaphor. In: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. Cambridge, Eng.: At the University Press, 1979.

SILVA, L. A. Os usos do “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização. Goiânia, 2005. 187 p. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

TAYLOR, H. R. *Cognitive grammar*. New York: Oxford University Press, 2002.

TOMASELLO, M. *The cultural origins of Human Cognition*. Harvard University Press, Cambridge, Mass, 1999.